

MULHERES COLONAS DO PERÍMETRO IRRIGADO AYRES DE SOUZA: Uma trajetória de trabalho, lutas e conquistas.

Antonia Vanessa Silva Freire Moraes Ximenes¹

Resumo

O presente trabalho faz a abordagem da trajetória das mulheres colonas do perímetro irrigado Ayres de Souza, as quais têm as vidas marcadas pelo trabalho desempenhado em casa e nos campos produtivos, tendo ainda, que travar lutas diárias contra os preconceitos oriundos do legado cultural machista, patriarcal e sexista observado em meio às relações que se dão no Ayres de Souza. Contudo, apesar das resistências oferecidas por parte de parcelas de colonos mais conservadores que, por meio de suas ideologias sexistas oprimem essas mulheres colonas, as mesmas vêm conquistando o empoderamento feminino no Projeto no qual, atualmente, assumem papel de protagonismo e liderança.

Palavras-chave: 1, Mulheres colonas; 2, Empoderamento feminino; 3, Sexismo no campo.

Introdução

As mulheres colonas do perímetro irrigado Ayres de Souza têm suas vidas marcadas pela dedicação que essas têm às suas famílias; ao trabalho nos campos e ao sucesso do Projeto. Entretanto, apesar de seu esforço e importância, historicamente sofrem preconceitos e desmerecimentos, o que as obriga a, além de dedicarem-se às suas atribuições, terem que travar batalhas contra aspectos sexistas, machistas e patriarcais presente nas relações que ali se dão, as quais merecem olhar atento e discussão a respeito, uma vez que esses conflitos de gênero trazem inúmeras consequências, dentre as quais estão desde a violência psicológica praticada contra as mulheres, até a sujeição dessas a situações injustas e opressivas.

Diante da fundamental importância de se abordar os conflitos vivenciados pelas mulheres colonas no Ayres de Souza, se desenvolveu a presente pesquisa, cujo principal objetivo é a discussão da trajetória de trabalho, lutas e conquistas dessas mulheres colonas no referido Projeto. São objetivos específicos ainda: a) apresentar os contextos histórico, político e social nos quais as colonas encontram-se; b) revelar aspectos do cotidiano das colonas no Ayres de Souza; c) apontar avanços obtidos na luta pelo empoderamento dessas colonas.

Visando contemplar esses objetivos, a pesquisa qualitativa da qual resulta este artigo se deu mediante a associação de teoria, empiria e pesquisa documental. No tocante à empiria

¹ Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: vanessafreire12@gmail.com

realizaram-se estudos de campo nos quais se fez a pesquisa documental, recorrendo-se a documentos antigos, incluindo relatórios das equipes de assistência social atuantes no Projeto Ayres de Souza, buscando com isso, perceber a concepção dessa equipe de profissionais, na época de sua atuação, acerca do papel das mulheres no Projeto.

Os estudos em campo envolveram ainda, a realização de entrevistas com colonos e colonas do Ayres de Souza, cujas identidades são preservadas por meio da utilização de codinomes destacados em *fonte itálica* neste texto, nos quais os fragmentos de falas encontram-se transcritos obedecendo fielmente à pronúncia e ao modo de falar dos entrevistados. Ao optar pela transcrição *ipsis litteris* pretende-se evidenciar aspectos socioculturais desses entrevistados, auxiliando assim no entendimento do contexto em que estão inseridos.

No tocante à teoria, buscou-se embasamento a partir da seleção e realização de leituras pertinentes ao tema, bem como associação dessas com a empiria, realizada através de pesquisas no Ayres de Souza e conversas com colonas vivenciadoras dos processos discutidos. Os relatos das entrevistadas são considerados fonte histórica oral na Pesquisa, a qual apresenta trechos de seus depoimentos transcritos, a fim de melhor evidenciar os elementos discutidos.

Do mesmo modo, se recorre ainda, a leituras a exemplo de Diniz (1997) e sua abordagem sobre a colonização nos perímetros irrigados, assim como aos textos de Azevedo (2012); Vieira (2010); Garcia (2004); Duarte (2009), cujas discussões resultam em valorosas contribuições ao entendimento de questões relativas ao papel desempenhado pelas mulheres no campo brasileiro, e aos inúmeros desafios e esforços diários que elas precisam empreender para assim conquistarem respeito, dignidade e autonomia em meio a contextos sexistas, machistas e patriarcalistas.

É por abordarem importantes aspectos dessa empreitada pela conquista de emancipação; autonomia; empoderamento e justiça de gênero na agricultura brasileira, que as obras aqui elencadas servem de aporte a esta pesquisa qualitativa a qual adota método favorável à compreensão da problemática estudada e à apreensão de sua realidade.

Dessa forma, se propõe a análise dessas relações no Projeto Ayres de Souza, demonstrando para tanto, indícios de que as colonas e seu trabalho foram fundamentais ao Projeto e imprescindíveis à estrutura organizacional demonstrada por ele, onde, assim como

na sociedade de modo geral, foram percebidos reflexos dos avanços na luta pela igualdade de gênero e consequente, inclusão feminina nos aspectos que regem a vida em sociedade.

Mulheres colonas no Ayres de Souza e suas contribuições à trajetória desse perímetro irrigado e à luta pelo empoderamento feminino na agricultura brasileira.

Assim como ocorre na vida social, de modo geral, cuja importância da atuação participativa das mulheres é constantemente questionada e por muitas vezes suprimida pelo “protagonismo” atribuído às pessoas do sexo masculino, também no campo brasileiro são percebidas situações opressivas e de desprestígio contra as mulheres colonas cujo trabalho essencial à vida, à família e à coletividade é ignorado e, quando reconhecido, desvalorizado pelos membros da comunidade na qual estão inseridas essas colonas.

As colonas, assim como quaisquer outras profissionais do sexo feminino, desempenham dupla ou tripla jornada, cuidando da família e dos afazeres domésticos, e ainda, os conciliando com o trabalho na terra. Não bastasse isso, em muitos casos essas mulheres se dedicam à confecção de produtos artesanais, tais como: vassouras e chapéus de palha, assim como peças em crochê. Os produtos oriundos dessa terceira atividade são na maioria dos casos, consumidos pela família e têm seu excedente comercializado, transformando essa terceira atividade em mecanismo de reforço à renda doméstica.

A dinamicidade característica dessas trabalhadoras do campo é igualmente apresentada pelas mulheres que integram o conjunto de colonos do Perímetro Irrigado cearense denominado Ayres de Souza, criado na década de 1970, o qual está situado no município de Sobral/CE, conforme se observa no mapa de localização de sua área, presente na Figura 01.

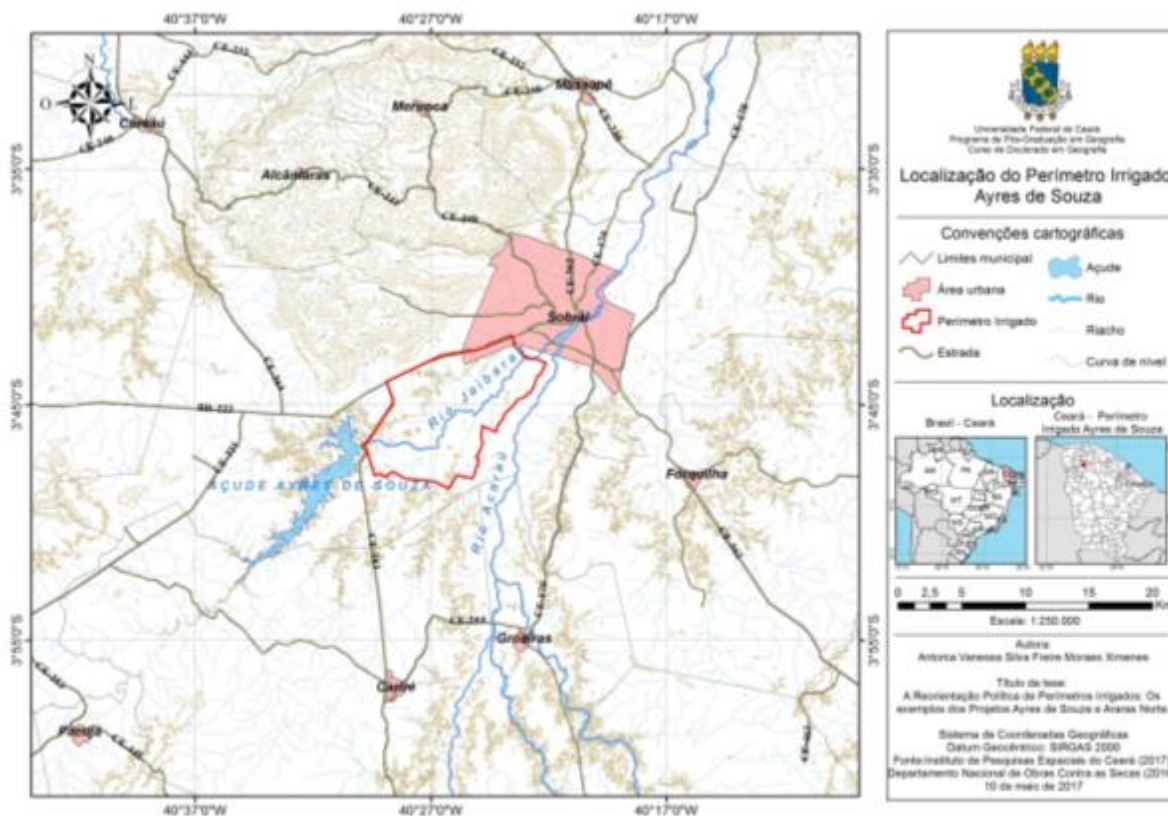


Figura 01: Mapa de localização do Perímetro Irrigado Ayres de Souza. Fonte: XIMENES (2017).

O perímetro irrigado Ayres de Souza foi criado sob os princípios socioeconômicos que regiam a política de perímetros irrigados em sua primeira fase, decorrida entre as décadas de 1970 e 1990, e apresentava características extremamente patriarcais, excludentes e machistas, centralizadoras na figura do colono de sexo masculino, os aspectos referentes ao trabalho e à vida cotidiana dos Projetos.

Dessa forma, a partir da década de 1970 se deu a ocupação do Ayres de Souza que se mantém atuante até os dias atuais, apresentando população composta por 572 famílias, no ano de 2015, de acordo com informações obtidas na própria Associação Geral do Projeto, denominada Associação dos Usuários do Distrito de Irrigação do Perímetro Irrigado Ayres de Souza – AUDIPAS.

Compondo a população do Ayres de Souza estão os colonos selecionados pelo DNOCS, atualmente idosos, e que, por terem uma vida dedicada à agricultura, apresentam baixos índices de escolaridade, o que de certa forma, tem influências diretas na adesão à cultura patriarcal e sexista, a qual tem como principal marca, a desvalorização do trabalho feminino no Projeto e da importância dessas mulheres em sua trajetória.

Foi o papel decisivo exercido pelas mulheres que vivem ou que já viveram no Ayres de Souza que conferiu a esse Perímetro Irrigado as características marcantes e singulares de sua trajetória, cuja marca é a integração que mantém a unidade do Projeto, mesmo na contemporaneidade, em meio a um contexto no qual vigora o neoliberalismo econômico que, por sua vez, traz em seu bojo aspectos favoráveis à fragmentação, que acabariam por descaracterizar as relações construídas ao longo do tempo nesse Projeto, caso não fossem suas bases fortalecidas.

Essas colonas, juntamente com suas famílias, produziram a história do Projeto, a partir de suas lutas e trabalho diários nos campos e nas suas casas, pois, ao zelar pela organização e integração familiar, desempenhando importante papel como agentes de coesão, contribuem decisivamente para o sucesso do Projeto, a partir da formação do caráter unitário apresentado nele desde sua criação até os dias atuais.

Buscando garantir que a colonização nos projetos públicos de irrigação fosse uma experiência exitosa, o DNOCS, órgão estatal responsável pela execução dessa Política de Perímetros Irrigados, mantinha equipes de assistentes sociais atuantes nos Projetos para que assim, pudesse acompanhar e direcionar a vida desses colonos. Nas anotações presentes nos relatórios de acompanhamento da assistência social atuante no Ayres de Souza, é possível entender que cabia às mulheres promover ações de fortalecimento dos caracteres identitários e unitários do grupo a partir do trabalho realizado no seio familiar.

Para tanto, davam enfoque especial à forma “de ser e se comportar” dessas mulheres, destacando características as quais eram consideradas benéficas, tais como, organização, higiene e aptidão para trabalhos manuais. Acompanhando a rotina dessas mulheres em suas casas e treinando-as para aperfeiçoar ou desenvolver características fundamentais ao sucesso do Projeto, que dependia além de índices produtivos satisfatórios, da convivência harmoniosa entre os colonos. Aspecto no qual a atuação feminina também era decisiva.

Logo, a participação ativa e determinante das mulheres colonas no Ayres de Souza foi fundamental ao sucesso e permanência do Projeto que perdura por mais de quatro décadas. As colonas atuaram decisivamente não somente nos processos produtivos, pois trabalhavam nos campos juntamente com seus maridos e filhos, mas também no planejamento e execução das atividades domésticas, promovendo a integração familiar e direcionando os filhos para o trabalho na terra e para a vida em sociedade; cuidando atentamente das tarefas domésticas,

uma vez que, até a aparência de suas casas era avaliada pelas assistentes sociais durante suas visitas domiciliares.

A importância das colunas no direcionamento dos rumos tomados pelo Projeto é evidenciada nos relatórios das equipes técnicas do DNOCS, as quais, por meio de suas assistentes sociais que faziam visitas constantes às residências das famílias colonas, centravam na atuação dessas mulheres, as principais informações acerca das percepções sobre a família e o desempenho feminino no Projeto, conforme se observa na Figura 02, na qual se tem fragmento de texto de Relatório do ano de 1979, presente no acervo da AUDIPAS: “A esposa tem muito gosto com horta, no seu quintal tem uma pequena horta doméstica. A casa é arborizada com flores.”.

DIVISÃO DE ASSISTÊNCIA AOS PERÍMETROS				
NÚMERO <i>2100-11-1000</i>		CS/		
MÚLTIPLA <i>MARCELINA LIMA</i>		SETOR <i>I</i>	LOTE <i>2504</i>	CONJ. HAB. <i>171-1</i>
RESIDÊNCIA		REGISTRO DO ALOJAMENTO FAMILIAR		
COMPLEMENTO MODELO 'DE/1 - 5 -				
IDADE INVOLVIDA (1)	DATA	METODOLOGIA APLICADA	NÚMERO (S) DA FAMÍLIA, DIRETAMENTE ORIENTADO (S)	RESULTADOS ALCANÇADOS E OBSERVADOS
<i>faço sobre a esposa</i>	<i>26-01-79</i>	<i>visita</i>	<i>a esposa</i>	<i>* A esposa tem muito gosto com horta, no seu quintal tem uma pequena horta doméstica. A casa é arborizada com flores.</i>

Figura 02: Recorte de relatório da assistência social prestada pelo DNOCS aos colonos do Ayres de Souza. Fonte: AUDIPAS (2017).

Em outro registro de visita domiciliar, datada do mesmo ano de 1979, há o seguinte relato: “A esposa fez o curso de horticultura com muito gosto e continua cultivando uma pequena horta doméstica.” Importante é perceber que essas mulheres colonas são citadas nesses relatórios como “esposas”, confirmando assim a ideia de que o homem colono seria a figura principal naquele contexto cuja função da mulher seria a de assessorá-lo.

Portanto, entende-se que apesar de sua fundamental relevância, essas mulheres foram (e são) vítimas de preconceitos e desqualificação de seu trabalho, por intermédio da soberania patriarcal, representada em seus lares, ou seja, no contexto familiar, pela figura imponente dos maridos, a quem eram submissas e, os aspectos relativos ao trabalho e à permanência dessas mulheres no Ayres de Souza, estavam sob a hegemonia dos agentes estatais responsáveis pela implantação e administração do Projeto em sua fase inicial, ou seja, os funcionários do DNOCS.

Os agentes estatais atuantes no Projeto Ayres de Souza eram na grande maioria, homens, a quem se chamava de “doutores” e deviam total respeito e obediência às suas determinações cuja incidência recaía não somente sobre os trabalhos realizados nos campos produtivos, mas também, dizia respeito à vida cotidiana de suas famílias, que dentre outros fatores, estaria condicionada ao bom desempenho de uma mãe zelosa e dona de casa eficiente e dedicada, características indispensáveis às colonas, a quem era atribuída certa passividade em relação à tomada de decisões e realização de tarefas no Projeto.

A postura de submissão e obediência imposto às mulheres colonas do Ayres de Souza é percebida na fala de uma das colonas, de codinome *Madalena* (2017)², que, após anos de subjugação, venceu as barreiras impostas pelo machismo impregnado nas relações que se dão no Projeto e atualmente ocupa a função de presidente de uma das sete associações existentes no Ayres de Souza, dentre as quais duas encontram-se sob a gestão de mulheres.

Em seu depoimento a entrevistada afirma: “Eu fui uma das que vêi por primêro! Eu vim pra cá em (19)88. [...] Eu num sei contá muito não porque, naquele tempo, eu vevia mais era em casa. Os presidente erum ôtros. Uns já até morreru!” (MADALENA. 2017), conclui ela, citando os nomes de alguns colonos do sexo masculino que a antecederam na presidência dessa associação.

Dessa forma, apesar de seu pioneirismo no Projeto, a entrevistada afirma não ter clareza dos acontecimentos daquela fase inicial do Perímetro Irrigado pelo fato de ela, assim como as demais colonas, terem permanecido em situação de passividade diante da hegemonia masculina exercida primeiramente dentro de casa, pelas figuras dos maridos.

2 Colono no Ayres de Souza. (MADALENA. Nota de Entrevista. Setor II do Ayres de Souza. 16 de janeiro de 2017).

Esclarecendo melhor esse contexto, o depoimento da colona de codinome *Joaquina* (2017)³ tenta explicar melhor a condição feminina no Projeto em sua fase inicial, ou seja, nas décadas de 1970 até a metade da década de 1990, revelando que, gradativamente, essas colonas foram conquistando seu empoderamento num processo que permanece em constante evolução. De acordo com a entrevistada:

Abom, naquele tempo (fase inicial do Ayres de Souza) as mulhé era mais era pa ficá em casa mermu, cuidano de casa, de marido e ffi e tudo... Ajudando na roça e tudo mais que aparicesse pa nós fazê... Aí, causa disso, eu num sei assim contá as história daqueles tempo. Agora, hoje em dia, hoje as coisa tão mais diferente, né?! Agora tá milhó, pas mulhé. (JOAQUINA. 2017)

Inconscientemente, ou sem muita clareza da complexidade das questões que envolvem tais mudanças, as entrevistadas reproduzem aspectos do empoderamento feminino, caracterizado pela autonomia que essas mulheres colonas do Ayres de Souza conquistaram, evoluindo de uma posição extremamente passiva e conformista, para um contexto no qual essas passam a atuar de forma ativa na tomada de decisões nos fatores que dizem respeito à sua vida; à sua família e ao seu trabalho.

Entretanto, para isso, além das lutas históricas, essas mulheres colonas no Ayres de Souza necessitam travar sucessivas batalhas contra o preconceito e sujeição de gênero, arraigadas nas mentes e expressas nas atitudes e falas não somente de homens, mas também de muitas mulheres que, juntamente com esses colonos compõem um grupo de pessoas com idade superior a 45 anos, os quais tiveram uma educação deturpada e alienante, baseada apenas em fatores meramente biológicos, os quais classificam as mulheres como seres inferiores.

Ilustrando essa percepção está a breve discussão presenciada durante pesquisa em campo, quando na presença de outros colonos e colonas do Ayres de Souza, em meio a uma conversa sobre este Projeto, o entrevistado *Clemente* (2017)⁴, colono com idade superior a 60 anos, de forma espontânea desmereceu o trabalho dessas mulheres nos campos, chegando inclusive a afirmar que: “Se a muié pegá num machado, o machado fica azalado! Se pegá na ispingarda, do mermo jeito! A muié quando pega nas coisa de homi e qué dizê que trabaia cuma nós elas tão é muito é inganada!” (CLEMENTE. 2017).

³ Colono no Ayres de Souza. (JOAQUINA. Nota de Entrevista. Setor II do Ayres de Souza. 17 de janeiro de 2017).

⁴ Colono no Ayres de Souza. (CLEMENTE. Nota de Entrevista. Setor II do Ayres de Souza. 16 de janeiro de 2017).

Ao expressar sua opinião, ainda que de forma não proposital, afinal, menosprezar o trabalho feminino é “cultural”, *Clemente* (2017)⁵ despertou indignação e revolta por parte das colonas que, por conta das exaustivas jornadas de trabalho na terra e exposição excessiva ao sol, muitas desenvolveram patologias, algumas na coluna; ossos ou pele.

Exemplo disso é o caso da ex colona *Augusta* (2017)⁶ que compõe uma das poucas famílias a abandonarem o Ayres de Souza. De acordo com a entrevistada, a saída de sua família do Projeto foi motivada pela precarização do trabalho, que teria resultado no surgimento de patologias que acometeram a ela e o seu marido.

Ao visitar os antigos vizinhos colonos no Projeto, *Augusta* (2017) foi uma das mulheres que presenciou a fala de *Clemente* (2017) e, revoltada com o comentário do ex-vizinho, retrucou de imediato: “Mas é a muié que num tem coragi! Se a muié tivé corági, num fica não! Eu duvida eu pegá, a cumadi aqui pegá, cuma nós já pegamu e muito, e ficá! Aqui a minha vida e a vida dessas muié tudo foi de muito trabai, meu fii!” (*AUGUSTA*. 2017).

Em seu comentário, *Augusta* (2017) tentou defender a si e às outras mulheres, porém, faltou-lhe o entendimento de que habilidade para se trabalhar com ferramentas, na agricultura ou em qualquer outra atividade independem de coragem ou muito menos de gênero, mas, sim, da motivação dela para desempenhar tal função.

A vinculação entre gênero e padrão comportamental ou qualificação para o trabalho não se restringe aos colonos e colonas do Ayres de Souza, é característica da sociedade que insiste em criar expectativas errôneas sobre a “conduta ideal” para as pessoas, no que concerne à gênero.

Vale salientar que a conduta sexista apresentada por *Clemente* (2017) e por outros homens e, inclusive, por uma parcela mínima de mulheres influenciadas por pensamentos machistas, não se estende à totalidade dos colonos de sexo masculino presentes no Projeto, pois, mesmo dentre aqueles mais idosos e conservadores é possível perceber o reconhecimento que têm da importância do trabalho de suas esposas, seja este praticado em casa ou nos campos.

Com os avanços obtidos ao longo do tempo, esses pensamentos têm sido cada vez mais combatidos e silenciados, porém, não somente no Ayres de Souza, mas na sociedade

⁵ Colono no Ayres de Souza. (*CLEMENTE*. Nota de Entrevista. Setor II do Ayres de Souza. 16 de janeiro de 2017).

⁶ Colona no Ayres de Souza. (*AUGUSTA*. Nota de Entrevista. Setor II do Ayres de Souza. 16 de janeiro de 2017).

como um todo, ainda são comuns situações nas quais pessoas têm seu trabalho questionado ou desqualificado em razão de seu gênero.

Ao analisar a complexidade dessas situações tão absurdas quanto corriqueiras na sociedade contemporânea, Chimamanda Adichie (2015) esclarece que: “o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais livres e felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero”. (ADICHIE. 2015, p. 36-37).

Da mesma forma, que seriam mais livres e realizadas com suas escolhas, as pessoas teriam acima de tudo, mais respeito por parte das outras, uma vez que, não estariam realizando tarefas ou ocupando cargos destinados a pessoas do sexo oposto, afinal, foi por acreditar que mulheres seriam e são incapazes de realizar tarefas e se utilizar de ferramentas eminentemente masculinas, que o colono *Clemente* (2017)⁷ expressou seu ponto de vista, referindo-se à realidade na qual está inserido e de algum modo, retratando situações cotidianas vivenciadas por trabalhadoras urbanas e rurais em seus postos de trabalho ou na vida social.

Apesar de praticarem sexismo no seu cotidiano, colonos a exemplo de *Clemente* (2017), o fazem de forma natural e inconsciente, pois demonstram não ter qualquer noção sobre a violência psicológica gratuita que historicamente praticam contra as colonas do Ayres de Souza.

Certamente, os adeptos à cultura sexista presentes nas relações desse Projeto, por se tratarem de população predominantemente idosa e com baixo nível de escolaridade, jamais ouviram o termo sexismo e não têm ideia da complexidade que este abriga, entretanto, inconscientemente a praticam.

Percepções como essa evidenciam a urgência na discussão e combate ao perigoso legado da cultura sexista que violenta suas vítimas não somente psicologicamente, mas também fundamenta ações de violência física motivadas pelo ódio, pelo preconceito e justificadas por uma falsa supremacia de gênero que atinge não somente às mulheres, mas a outros grupos considerados minorias sociais e, portanto, igualmente vulneráveis. Assim, parafraseando Adichie (2015, p. 48) é preciso entender que “a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”.

⁷ Colono no Ayres de Souza. (CLEMENTE. Nota de Entrevista. Setor II do Ayres de Souza. 16 de janeiro de 2017).

No Projeto Ayres de Souza, essa cultura é em parte influenciada pelo legado da própria Política de Perímetros Irrigados, pois se entende que essa tenha acirrado os conflitos de gênero ao concentrar na figura do colono chefe de família o protagonismo das ações praticadas na comunidade, reafirmando assim a submissão das colônias em relação ao poderio masculino presente nas relações sociais do Perímetro.

Essa ideologia sexista por sua vez, oculta ou desvia a atenção de uma luta justa e necessária, que é a de classes, por exemplo. No caso do Ayres de Souza, se contrapunham as classes dominantes e os ex-camponeses selecionados como colonos do Projeto. As classes dominantes são nesta perspectiva, representadas pelos grupos que ocupavam o Estado capitalista brasileiro, na época da elaboração e instituição da política de perímetros irrigados, a qual foi alternativa a não realização da reforma agrária.

Já os agricultores convertidos em colonos do Projeto passaram a uma situação de submissão ao modelo imposto e às regras determinadas pela referida Política que os oprimia e os sujeitava a um conjunto de atribuições que versavam desde o alcance de níveis produtivos satisfatórios, até a conduta social de colono ideal predeterminada pelo Estado via DNOCS, cujas características incluíam disposição para o trabalho e aversão à desordem.

Portanto, a mesma opressão oferecida às mulheres do Ayres de Souza pelos colonos, era também sentida por eles, resultando de sua interação com o Estado e a Política na qual estavam inseridos. Ao discutir relações opressivas de tamanha complexidade, a pesquisadora Maria Garcia (2004, p. 110) esclarece que:

[...] a opressão refere-se a fenômenos estruturais que imobilizam ou diminuem uma classe ou grupo social. Neste sentido o sexismo, junto ao racismo, enquanto doutrinas que sustentam a superioridade de um grupo sobre outro, constituem os meios adequados para dividir a classe trabalhadora e legitimar a superexploração e marginalização de parte dos seus membros. (GARCIA, 2004, p. 110).

Dessa forma, entende-se que no contexto de relações do Projeto Ayres de Souza, a opressão de gênero servia, de certa forma, para reafirmar a soberania masculina subordinada à hierarquia hegemônica do Estado e assim, atenuar os conflitos resultantes dessa interação entre colonos e Estado representado pelo DNOCS que, por sua vez, em decorrência da reestruturação política dos perímetros irrigados, teve a sua atuação no Projeto minimizada, marcando assim o início de uma fase na qual os colonos adquiriram certa autonomia.

Simultaneamente às muitas mudanças de cunho político estavam também aquelas de cunho social, dentre as quais se destaca o processo de mudança comportamental pelo qual

passaram as colonas desse Projeto, cuja participação ativa nos processos determinantes que regem a vida e o trabalho tem evoluído a ponto de, na atualidade, exercerem cargos de liderança no Perímetro Irrigado, uma vez que, das sete associações presentes nele, duas têm mulheres colonas como presidentes.

Além disso, no que diz respeito ao trabalho, as colonas têm atividades que exercem nos campos e, apesar de ainda sofrerem críticas por fatores meramente biológicos, despertam admiração e orgulho por parte de outras colonas, assim como da comunidade como um todo. É o que aponta o depoimento da colona de codinome *Mariana* (2017)⁸:

Por incrível que pareça, tem mulher que trabalha mais que homem. Ainda vou lhe levar ali na casa de uma colona que broca até de machado pra você vê ela trabalhando, é a coisa mais bonita do mundo. Todo mundo que chega lá fica encantado. Não acreditam que aquilo é de verdade. Eu não levo agora porque o acesso aonde eles trabalham é muito ruim, [...] Ela broca de machado. (Ela é do Setor Dois. Uma senhora já é até aposentada e broca de machado. Esposa de colono. O colono já tá bem velhinho mesmo e ela dá conta do lote e produz. Só uma filha que trabalha junto com ela. Só elas duas. São duas mulheres. Esses dias nós tava na reunião e os colono mangando né, que os homens tavam tão frouxo que elas tão dando nos homens de dez a zero. Ela manga deles. (MARIANA. 2017).

Por se tratar de filha de colonos, a entrevistada *Mariana* (2017) pertence a uma segunda geração de colonos do Ayres de Souza (composta por filhos dos primeiros colonos) que, mesmo após a maioridade, na vida adulta, optaram por permanecer ligados à terra, vivendo também como colonos nesse perímetro irrigado, onde formaram famílias e têm nos seus filhos a formação da terceira geração de colonos do Projeto.

Aliados aos avanços que se tem na sociedade como um todo, essas novas gerações contribuem decisivamente para a conquista dos aspectos de empoderamento e emancipação feminina percebidos hodiernamente nesse Projeto, que, por sua vez, possui toda uma representatividade para os colonos e colonas das novas gerações, cujas histórias de vida e trabalho estão intrinsecamente entrelaçados à trajetória do Ayres de Souza. É o que revela *Mariana* (2017), ao explicar que:

Eu cheguei aqui eu tinha dois anos. Hoje já vou fazer 43 anos. Eu criança, desde menina aqui meu pai botou pra trabalhar na agricultura. Com dez anos nós tirava capim, eu e minha irmã. As mulher, as filha mais velha tirava capim, tirava canarana, vinha com uma carroça no boi, nós trepado lá em cima, nós cortava e atrepava a canarana pra alimentar o gado, o gado e as ovelha dele. (MARIANA. 2017).

⁸ Colona no Setor Ayres de Souza. (MARIANA. Nota de entrevista. Setor I do Ayres de Souza. 15 de janeiro de 2017).

Ainda com base no depoimento da colona *Mariana* (2017)⁹ é possível perceber a valorosa contribuição das colonas a partir do trabalho desempenhado por elas nos campos produtivos do Projeto, pois, de acordo com a entrevistada:

O trabalho das mulheres aqui foi fundamental! Tem mulher que ficou viúva e foi obrigada a assumir o lote, uma coisa é você trabalhar, outra coisa é você ir lá com a cabeça, ser a titular. Antes tinha um organizador que era o marido, aí quando o marido faleceu, elas têm que ser a titular. Passam de trabalhadora pra titular. Aí a coisa é mais diferente, né. Mas continua porque tem um filho, dois ou três que ajuda. (MARIANA. 2017).

São histórias de vida como as apresentadas que fazem deste Perímetro Irrigado Ayres de Souza um lugar rico em vivências e de profundas e complexas relações e conflitos sociais e de gênero, os quais merecem a atenção por parte da Ciência, assim como o respeito e o reconhecimento de seus esforços e conquistas ao longo destas mais de quatro décadas de inserção nesta “aventura” que foi o Perímetro Irrigado para camponesas e camponeses otimistas e sonhadores com um futuro melhor para si e suas famílias sem para tanto, ter que abandonar o Semiárido, ao qual chamam de Sertão, nem muito menos deixar a agricultura e a pecuária.

Para não finalizar...

Apesar de um contexto de adversidades, a trajetória das colonas do Ayres de Souza é marcada por avanços significativos no tocante à sua emancipação e empoderamento. Muito embora tenham sofrido depreciações resultantes da propagação da ideologia sexista presente nas relações protagonizadas no Projeto, essas mulheres conquistaram papel de destaque nesse perímetro irrigado, atuando nos dias atuais como líderes formadoras de opinião. Contudo, essas mudanças são tímidas e não dispensam o empenho diário que as colonas devem intentar para garantir o que conquistaram e o direito a continuar diligentes na busca por justiça e igualdade de gênero.

⁹ Colona no Setor Ayres de Souza. (MARIANA. Nota de entrevista. Setor I do Ayres de Souza. 15 de janeiro de 2017).

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para Educar Crianças Feministas: Um manifesto.** Tradução de Denise Bottmann. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Sejamos Todos Feministas.** Tradução de Christina Baum. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AZEVEDO, Vilma Maria. **Os desafios para o empoderamento da mulher agricultora a partir do Programa de Aquisição de Alimentos: o caso de Barbacena – MG.** Disponível em:

<<http://locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4179/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 11 de janeiro de 2017, às 12h15min.

DINIZ, Aldiva Sales. **Território Controlado – Território (Re) Criado: Os laços e rupturas das relações Estado e Irrigantes.** Dissertação de Mestrado. Recife / UFPE. 1997.

DUARTE, Emmy Lira; GARCIA, Maria Franco. **As Mulheres Trabalhadoras Rurais: Uma interlocução entre gênero e movimento sindical na Paraíba.** In: Encontro Nacional de Geografia Agrária. XIX. 2009, São Paulo. Anais... São Paulo: FFLCH-USP, 2009, p. 1-17.

GARCIA, Maria Franco. **A luta pela terra sob enfoque de gênero: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema.** 2004. 224 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, São Paulo.

VIEIRA, Rute. **Gênero, Água e Território como Possibilidades de Compreensão do Espaço Geográfico.** In: Encontro Nacional dos Geógrafos. XVI. 2010, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS. 2010. p. 1-17.